



Provocações possíveis para perguntas infindáveis:  
corpo, arte e pandemia

Possible provocations for endless questions: Body,  
art and pandemic

Eduardo Bruno Fernandes Freitas<sup>1</sup> e Marcelo Denny  
de Toledo Leite<sup>2</sup>

---

1. Artista-pesquisador-docente, Licenciado em Teatro (IFCE), especialista em Semiótica (UECE) e Mestre em Artes Cênicas (ECA-USP). Integrante do EmFoco Grupo de Teatro/CE desde sua fundação. Integra o Coletivo WE, do Núcleo de Estudos da Performance. Curador do Festival Imaginários Urbanos e da Galeria Sem Título Arte (para a Mostra Sistema Aberto). E-mail: [eduardob-freitas@hotmail.com](mailto:eduardob-freitas@hotmail.com).

2. Pesquisador, artista plástico, cenógrafo e diretor teatral. Mestre e Doutor em Artes pela ECA-USP. Fundador do Desvio Coletivo e do Teatro da Pombagira. Co-fundador do Laboratório de Práticas Performativas da ECA-USP. Docente do Departamento de Artes Cênicas da ECA. Pós-doutor pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e pesquisador FAPESP na New York University (NYU). E-mail: [marcelodenny@yahoo.com.br](mailto:marcelodenny@yahoo.com.br). ORCID: 0000-0002-5951-8088.

## Resumo |

Entre 1593 e 1594, na Itália, Caravaggio, um dos ícones da pintura barroca, pintou o quadro *Bacchino Malato* (*Pequeno Baco Doente*). No quadro, o Deus da fartura, do vinho, das orgias e das pulsões é retratado de uma forma inédita, quase que paradoxal: doente. Com isto, Caravaggio foi o primeiro a trazer a imagem do Deus greco-romano da Vida em seu estado oposto. Alvo de infinitos estudos e metáforas, de uma centena de momentos e episódios históricos, a obra nos profetiza o risco que nossos desejos e afetos correm em tempos de incertezas e crises: a doença de Baco. Estaríamos na ante-sala de uma nova era? Estaríamos percebendo o definhamento de um Baco, para o aumento de uma biopolítica (FOUCAULT, 2010) em escalas antes inimagináveis? A era do corpo-controle, do 24/7 (CRARY, 2016)? Do medo do próprio corpo, do medo do corpo do outro, do medo do corpo social?

**Palavras-chave:** Artes cênicas. Performance. Artes do corpo.

## Abstract |

Between 1593 and 1594, in Italy, Caravaggio, one of the icons of baroque painting, painted the painting *Bacchino Malato* (*Little Sick Bacchus*). In the painting, the God of abundance, wine, orgies and drives is portrayed in an unprecedented, almost paradoxical way: sick. With this, Caravaggio was the first to bring the image of the Greco-Roman God of Life in its opposite state. The target of infinite studies and metaphors, of a hundred historical moments and episodes, the work prophesies the risk that our desires and affections run in times of uncertainty and crisis: the Bacchus disease. Would we be in the anteroom of a new era? Are we perceiving a Bacchus's languishing, for the increase of a biopolitics (FOUCAULT, 2010) on scales previously unimaginable? The era of the controlled body, in the 24/7 (CRARY, 2016)? Fear of one's own body, fear of the other's body, fear of the social body?

**Keywords:** Performing arts. Performance. Body arts.

No contexto da pandemia da Covid-19, a liberação comportamental e sexual, que nos anos 60 do século passado fora tão importante para emancipação de diversos grupos de dissidência de gênero e sexualidade, leva um segundo golpe. Contudo, diferentemente do retrocesso dos exercícios de produção de comportamentos libertários/sexuais ocorridos em decorrência da epidemia da AIDS nos anos 80 e 90 do século XX, agora, podemos estar na contagem regressiva para uma naturalização de uma política mundial de hiper-higienização da vida. Tudo isto, com uma nítida e perigosa chancela do avanço da ideologia neopentecostal conservadora — avessa às falas do corpo e tendente à intolerância e à manutenção dos discursos hegemônicos — que é chegada a uma política de contenção da liberalidade no campo dos afetos e, portanto, do corpo (sempre ele!).

Com isto, parece-nos pertinente indagar sobre os rumos do corpo na perspectiva dos novos simbólicos culturais que estão por vir, neste texto, no recorte das artes da presença (teatro, arte da performance, dança, circo, ópera e assim por diante). Cabe perguntarmos como se desdobrará a relação de ausência e da distância em espetáculos ao vivo, se a própria natureza cênica da presença está em jogo e em risco, endossada por novas práxis da medicina e da saúde pública de proporções planetárias. Esta nova onda já está sendo capaz de forjar/hipertrofiar uma forma outra de cultura, de tratos, de etiquetas, de políticas e de relações de toda ordem que repensam acerca do corpo individual e social.

Assim, numa perspectiva cultural, estaria a nossa fome do encontro no ritual cênico”, agora, a ponto de morrer, talvez, esperando a chegada de um futuro em que nossos desejos poderão ser entubados, com ajuda de respiradores, em infinitas novas formas mais frias, mais tecnológicas e digitais, nas quais a perda da partilha do ritual se redesenha sob leis higienistas, utilitaristas e funcionalistas?

A pandemia do novo Coronavírus está redesenhando uma nova forma de perceber a política do corpo, bem como as políticas dos corpos artísticos. Porém, certamente, já somos “temperados” pelo signo do distanciamento há algum tempo. A virtualidade, a via da cultura digital - das relações truncadas, frágeis, ligeiras e líquidas, mediadas por milhares de telas tecnológicas, que nutrem um sádico sistema de corpos como instrumento de produção - não é uma novidade instaurada junto ao Covid-19. Apenas, para a felicidade dos movimentos neofascistas conservadores, o atual contexto da pandemia tornou-se oportunidade para o agravamento do cenário de miséria afetiva, da higienização social, da retomada dos princípios da “moral e dos bons costumes” e da difusão cada vez maior das imagens holofotes (DIDI-HUBERMAN, 2011).

Cedo ou tarde demais para levantar tais questões, o fato é que já são históricos os tristes e alarmantes números de infectados e mortos; números capazes de forjar uma cicatriz indelével nas relações interpessoais, como até então as entendíamos e operávamos. Assim como os primeiros estudos de anatomia alteraram o modo como as populações vieram a compreender a organização do corpo, este momento das entranhas do nanocorpo (as células as gotículas, os vírus...) reformulará o modo como anteriormente se entendia os limites do corpo.

No campo das artes, em diversos vieses, o corpo sempre apresenta-se como uma questão constantemente revisada: o representado, o divino, o não-humano, o marginalizado e o irrepresentável são alguns de seus epítetos. Contudo, foi principalmente com as vanguardas artísticas da década de 1960 que sua imagem na arte se inflamou. O corpo do próprio artista tornou-se mais visível (mesmo que não tenha ocorrido pela primeira vez naquele momento), enquanto que os corpos abjetos e dissidentes começaram a narrar-se, de forma a romper com a história criada para o corpo; e a própria ideia de corpo foi ampliada. Diante

disto, a superfície do entendimento tradicional de obra de arte sofreu rachaduras, fazendo com que a arte e os artistas assumissem novas funções nos âmbitos estético, político e social.

O papel duplo do artista, tanto de sujeito quanto de objeto, acabou com a fronteira entre ele e o espectador, bem como entre criação e recepção. O corpo abandona o espelhamento da produção de um mesmo, passando a atuar em narrativas anteriormente reprimidas como, por exemplo, as da sexualidade, dos fluidos e das morfologias, ou seja, na dimensão da diferença. Enquanto uma via simbólica (produtor e produção de sentidos simbólicos), o corpo é uma dimensão estruturante da produção de subjetividade; de modo que acaba por implicar-se na performatividade dos papéis sociais e nas conversões de toda ordem. As estruturas, nas quais o corpo se desenha e é desenhado como lugar de harmonia, identificação, consciência e sentido simbólico, são também onde os arquivos do poder podem performar a manutenção dos saberes hegemônicos (BUTLER, 2019). O corpo materializa a relação entre sujeito e sociedade, refletindo o diálogo entre o biológico e o simbólico na construção da subjetividade e da morfologia, pois os processos de subjetivação são construídos em relação direta com o corpo (FERREIRA, 2008).

Ao analisá-lo como expressão dos arquétipos, é lícito afirmar que “[...] a linguagem corporal é como a onírica: anuncia e denuncia, fornecendo, assim, símbolos à consciência.” (REIS, 2002, p. 44). Por isso, a matéria mais cara para as artes da presença, o corpo - esse estranho, cheio de vontade e escândalo - tem no campo das artes um espaço possível de rebeldia e transgressão. Entretanto, sabemos que com o crescimento das forças reacionárias, “os odiadores do corpo” (como já apontava Nietzsche no final do século XIX) estão à espreita, para encapsular o corpo em novas leis, ordens e formas de controle biopolítico. Nesse cenário

confuso e opaco, talvez seja necessário retomar a proposta Nietzscheana de iluminar o campo da arte via o corpo, de modo a compreender a arte como um poder instaurador de corpos, para além da repetida cartografia do cotidiano.

E se a arte passa a ser, então, território de guerra do corpo e da liberdade contra retrocessos gigantescos, as linguagens cênicas são a última “trincheira” desse embate. Mas, como se desenhará essa complexa “trincheira”, em tempos de pandemia e pós-pandemia?

Não é de duvidar que as Artes Cênicas estejam às vésperas de uma nova ordem, que poderá traduzir-se no esvaziamento das salas de espetáculo, devido ao medo generalizado causado pelos ecos da pandemia, mesmo depois do aparecimento de uma possível cura. Porém, assim como vêm operando as estratégias de manutenção da ordem/ organização do corpo individual (*disciplina*) e do corpo social (*biopoder*) a favor das hegemonias de poder, cabe-nos, na contramão, perguntar o que poderá ser reinventado na lógica do jogo cênico, que nos possibilite germinar estratégias de ação, para continuarmos cortando as superfícies da norma.

Diante de tamanha demanda de reinvenção, a tecnologia digital pode ser uma especial aliada. Desde as primeiras experimentações de Meyerhold, na Rússia, com o uso de projeções (uma não-presença) com atores sobre o palco, diante do público presente, temos um namoro híbrido das artes audiovisuais com as artes cênicas. A reinvenção desses modos de operação com hibridismos poderá sinalizar novos destinos nessa atual guerra?

O adjetivo “híbrido” significa a formulação de um organismo formado pelo cruzamento; aquilo que é originário de duas espécies



diferentes, quase que um simulacro das espécies das quais se fez. Nessa nova arena híbrida, entre presenças corporais medidas em pixels, suor, grito, temperatura, luz e paixão, rascunha-se o embrião de novas formas teatrais e performativas? Estaremos caminhando para reiterar um movimento que já vínhamos exercitando, no rompimento com os binários arte-vida, espectador-público e processo-obra?<sup>1</sup>

Diante da limitação da presença dos corpos, é possível sim que vejamos muitas formas de reinvenção das artes da cena. Mesmo depois, num futuro sem o isolamento e a pandemia, cabe imaginar o público (antes, aglomerado diante de uma cena) já substituído por proposições mais ou menos tecnológicas que serão, de qualquer forma, diferentes das anteriormente conhecidas. Então, em meio à doença e ao medo da morte, transmutados em "corpofobia", corpo controle, distanciamentos, higienizações biológica/religiosa e moral, como os artistas irão estabelecer suas outras compreensões acerca dos corpos, das cenas e dos temas, para além do telos que a norma tentará impor a seu próprio favor?

Seja com a presença de corpos virtuais ou as regras de distanciamento social em salas de teatro; com a redução nas relações entre ator e plateia; ou até mesmo com novas configurações do espaço cênico expandido, é fato que o corpo na arte está em um momento drástico e *sui generis*. O corpo poderá reinventar suas próprias linguagens em uma Vontade de Potência, criando estratégias ativas contra as reiteradas tentativas de nos subordinar ao rentável, dócil e disciplinar poder do capital. Com meu corpo, no sentido descrito por Foucault (2013), quando afirma que "[...] meu corpo é como a Cidade do Sol, não tem lugar, mas é dele que saem e se irradiam todos os lugares possíveis, reais ou

---

1. Ao falar disso, lembro-me de uma conversa que tive com uma amiga artista e travesti. Ela me contou que, durante estes dias de quarentena, ela e sua amiga resolveram tatuar-se mutuamente, enquanto transmitiam o processo ao vivo, ao qual eu havia assistido.

utópicos (Foucault, 2013, p.14), poderei fabricar fios condutores, para ressignificá-lo em uma práxis da existência.

Evoco mais uma vez “Baco Doente”, para que ele possa responder aos nossos corpos constantemente coisificados, rotulados, tarifados, rentabilizados, higienizados, marginalizados e abjetificados; gestando, em uma gigantesca incubadora neonatal, cortes capazes de nos descontinuar da norma corrente. Ao menos, que o hiato do isolamento e dessa interminável quarentena coloque em reflexão as nossas migalhas afetivas, o medo e a frieza relacional, ou seja, os rumos do nosso “Baco Doente”; a fim de que ele nos catapulte a repensar um corpo dinâmico que se divida, multiplique e se espalhe diferentemente e em diferença.

## Referências

BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do sexo*. São Paulo: N-1, 2019.

CRARY, Jonathan. *24/07: capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo-Horizonte: Editora UFMG, 2011.

FOUCAULT, Michel. *O Corpo Utópico, As Heterotopias*. São Paulo: N-1, 2013.

\_\_\_\_\_. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MATESCO, Viviane. Corpo, ação e imagem: consolidação da performance como questão. *Revista Poiésis*, v.13, n.20, dez. 2012. p. 105-118. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/poiesis/article/view/26901/15612>. Acesso em: 10 jun. 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Ed. Hemus, 2002.

RAVENA, Isadora. *Sinfonias para o fim do mundo*. Fortaleza: LAC, 2020.

REIS, Marfiza Ramalho. O corpo como expressão de arquétipos junguianos. *Revista Brasileira da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*, n. 20, São Paulo: Palas Athena, 2002. p. 1-15. Disponível em: [http://www.marfizareis.com.br/textos/o\\_corpo\\_como\\_expressao\\_de\\_arquetipos.pdf](http://www.marfizareis.com.br/textos/o_corpo_como_expressao_de_arquetipos.pdf). Acesso em: 10 jun. 2020.

Submetido em: 05/05/2020

Aceito em: 18/06/2020